Empresas brasileiras investem no plástico verde Aumentam os negócios entre Brasil e África Especial: A história por trás do Fórum de Líderes



45



Nani Soares

## Certificadoras e organismos acreditados são os novos aliados para manter a competitividade das empresas

crise financeira mundial e o crescimento do mercado global acirraram a disputa por novos mercados e obrigou as empresas a se mexerem, principalmente no que se refere à selos e certificações de qualidade. Se na década de 1990, o certificado ISO 9000 era a meta para ganhar competitividade, hoje há uma verdadeira "sopa de letrinhas" para designar os certificados e registros de qualidade que uma empresa pode (ou deve) ter. Há para todos os tipos de segmento: para o meio ambiente (ISO 14000), para a indústria eletromédica (ISO 13485), para o setor de telecomunicações (TL 9000) e muitas outras. No entanto, com o mercado mais maduro em relação às questões relativas à qualidade de processos, novos critérios para ganhar competitividade lideram a corrida por certificados e selos específicos.

Responsável pela gestão dos Programas de Avaliação da Conformidade, no âmbito do Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade (Sbac), o Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro) atua implantando de forma assistida programas de avaliação da conformidade de produtos, processos, serviços e pessoal. Entretanto, o Sbac também pode conceder autorização para que empresas terceiras possam certificar e inspecionar, sendo designadas como *organismos acreditados*. Com isso, elas podem emitir certificações tanto compulsórias (determinadas por portarias governamentais) quanto voluntárias, e têm se tornado um nicho em expansão.

## Um mercado de gigantes

Atuando em 142 países, o Grupo SGS totalizou 4,7 bilhões de francos suíços, na receita de 2009. A expectativa é atingir uma receita mundial de 8 bilhões de francos suíços até 2014, com base em aquisições e expansão da capacidade. O Brasil responde por 50% da presença do Grupo na América do Sul, com a empresa atuando fortemente no setor de óleo e gás.

Para Rosemary Vianna, diretora das áreas de auditorias e certificações e bens de consumo





do Grupo SGS no Brasil, a globalização obrigou as organizações a repensarem seus processos e práticas, sob pena de desaparecerem ou perderem fatias consideráveis de mercado. "Dependemos muito de parceiros produtivos e operacionais. É natural que surjam riscos operacionais e mercadológicos que precisam ser medidos e monitorados."

Para ela, os segmentos que saíram atrás das certificações de qualidade nos anos de 1990 são os mesmos que estão liderando a busca por novas certificações, como a sustentabilidade, o grande foco atual. "Há novos modelos de certificações para sustentabilidade de produtos florestais, commodities agrícolas, biocombustíveis e eficiência energética, entre outros. Esperamos uma forte demanda durante os próximos dez anos, inclusive com novas certificações compulsórias", afirma Rosemary.

O Grupo alemão TÜV Rheinland é outro que também tem apostado no crescimento do setor. No Brasil, a empresa possui cerca de seis mil certificações ativas, atendendo a mais de 1.500 clientes, e recentemente adquiriu a Geris Engenharia, devendo faturar R\$ 200 milhões em 2010.

Antonio Carlos Caio da Silva, CRO América do Sul da TÜV Rheinland do Brasil, explica que o estabelecimento de regras para definir a qualidade de um produto ou serviço é fundamental para o crescimento dos negócios mundiais. "As certificações são o passaporte para o mercado internacional. Não é mais um diferencial, é uma necessidade."

Mesmo estimando um crescimento de 15% em 2010, alguns setores ainda se mostram cautelosos, segundo ele. "Há resistência no agronegócio, por exemplo, por envolver grandes extensões de terras e muitas fases complexas. O custo, portanto, é maior." Ainda assim, ele acredita que a demanda por commodities no mercado global deve minar a resistência das empresas nos próximos anos.

Há mais de 50 anos trabalhando na área de avaliação da conformidade, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é um dos organismos mais reconhecidos como foro de normalização. O que a maioria não sabe é que a ABNT também atua como certificadora, atendendo a clientes como Gerdau,

ArcellorMital, Holcim e Ecovias por meio de programas para a certificação de produto, sistema de gestão ambiental e rotulagem ambiental.

Guy Ladvocat, gerentetécnico de certificações da ABNT, explica que o crescimento do setor está associado à crise financeira mundial, que abalou muitos mercados e tornou a garantia de qualidade uma necessidade para os negócios entre os países. "Principalmente no mercado de produtos, ficou muito difícil vender. Com o mercado brasileiro aquecido, as empresas vieram para cá, mas precisaram certificar seus produtos para conseguir comercializar aqui."

Ladvocat acredita também que o próprio mercado global tem fomentado a procura por certificações, em virtude da concorrência internacional. No caso do Brasil, o Inmetro trabalha junto aos fóruns internacionais visando acordos de reconhecimento mútuo, e já obteve êxito com acordos para sistemas de gestão da qualidade, sistemas de gestão ambiental e para produtos. "Isso ajuda as exportadoras brasileiras a entrar em muitos mercados. Ouando eles veem que ela é acreditada









Guy Ladvocat,

Há novos modelos de certificações para sustentabilidade de produtos florestais, commodities agrícolas, biocombustíveis e eficiência energética, entre outros. Esperamos uma forte demanda durante os próximos dez anos, inclusive com novas certificações compul<mark>sórias</mark> Rosemary Vianna

por um organismo signatário de acordo internacional de reconhecimento mútuo. facilita muito."

Segundo ele, o Brasil está trilhando o caminho para uma consolidação da cultura de certificações, seguindo o exemplo de países como Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Japão e países da Europa, onde as certificações são mais comuns. "Toda essa procura mostra que a concorrência aumenta a cada dia e as empresas precisam se prevenir. Com isso, novos organismos são criados e a concorrência entre eles também aumenta", afirma.

## Pequenas que dão lucro

Situada em São Caetano do Sul, no ABC paulista, a pequena OSE Tecnologia atua há mais de dez anos e faturou RS 27 milhões em 2009, tendo em sua carteira clientes como Petrobras, Galvão Engenharia, Itaú Unibanco, Bradesco, Odebrecht e Vale. O produto básico da empresa é um pacote formado por fornecimento de mão de obra qualificada, expertise em gerenciamento de obras e instrumentos próprios.

A empresa desenvolveu o O'Open, um coletor digital baseado em caneta que faz a inspeção e manda os dados em tempo real para uma central. O tiro certeiro garantiu a criação da Makem, empresa do grupo responsável pelo desenvolvimento de tecnologia, que contou com um investimento de R\$ 4 milhões.

Apesar de certificar seguindo as normas internas da Petrobras (e não da família ISO), ele próprio precisou ser certificado para atuar no segmento. "Passei por um processo rigoroso. A empresa é praticamente

revirada e todas as obras são vistoriadas regularmente, para saber se continuo apto", diz Ronicarlos Pereira, presidente da OSE, referindo-se às auditorias constantes.

Atuando na gestão na área de controle e garantia de qualidade, por meio de inspeções, qualificações e certificações, o Grupo BNC, com sede em São José dos Campos (SP), é outra empresa de pequeno porte que está se destacando no mercado. O grupo está presente na construção do Complexo Petroquímico do Rio de Ianeiro e da Refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco, além de projetos de modernização de algumas unidades da Petrobras em Paulínia (SP), São José dos Campos (SP), Betim (MG) e Canoas (RS).

Com faturamento de R\$ 10 milhões em 2009, a expectativa Não adianta ter tampinha ou embalagem reciclável, se o que tem dentro é **veneno** para a saúde. A maioria das empresas tem apelo de venda com base em embalagem e não no conteúdo. Isso é **greenwash** Newton Figueiredo

é fechar 2010 com R\$ 28 milhões, chegando a R\$ 35 milhões em 2011. Da abertura (em dezembro de 2007) até agora, a empresa registrou 300% de crescimento e espera crescer mais 36% em 2011, com a carteira de contratos superando R\$ 70 milhões até lá.

Para Arão Bibe, presidente do grupo, a questão da qualidade e da segurança, associada ao avanço de setores como o petrolífero e o petroquímico, justifica o crescimento do setor. "Eventos como o vazamento de petróleo da BP no Golfo do México não podem acontecer e, para isso, um dos passos é o trabalho de gestão total de qualidade. Não há como o Brasil crescer abrindo mão disso."

Ele explica que o mercado é amplo e diversificado: há setores cuja incumbência é de um órgão público e não é negociável (caso das certificações de produtos alimentícios para exportação), mas em muitos casos há parceria. "Órgãos públicos e privados acabam sendo complementares um do outro, principalmente devido ao aquecimento de vários setores da nossa economia."

## Rotulagem ambiental

No meio de tantas opções, o mercado de certificação de produtos tem sido um dos que mais crescem. De olho nessa oportunidade, a empresa Sustentax abandou o segmento de energia e desde 2004 vem se dedicando certificar produtos e servicos. bem como empreendimentos e eventos, aplicando à risca o conceito sustentabilidade. Além de produtos, a empresa foi a responsável por certificar empreendimentos da Braskem, Banco Real, Unilever, além do bairro Noroeste Brasília, um novo bairro a ser erguido em Brasília (DF), completamente concebido a partir de critérios sustentáveis.

O tema sustentabilidade não se enquadra na categoria certificação, e sim rotulagem ambiental, já que as certificações estão vinculadas a processos produtivos e a rotulagem é voltada ao consumidor final. No Brasil. ainda não há uma legislação específica ou mesmo um organismo responsável pelo assunto, mas já tramita no Congresso um projeto de lei para regulamentar a rotulagem no Brasil. "Isso só nos beneficiaria, na medida em que inibe a atuação de empresas com ética duvidosa", pontua Newton Figueiredo, presidente da empresa.

No caso do selo desenvolvido pela empresa, as avaliações seguem todos os critérios sustentáveis: insalubridade, qualidade, responsabilidade ambiental, social e comunicação responsável — e não apenas um ou dois desses itens, como geralmente acontece. "Não adianta ter tampinha ou embalagem reciclável, se o que tem dentro é veneno para a saúde. A maioria das empresas tem



apelo de venda com base em embalagem e não no conteúdo. Isso é greenwash."

Atuando por meio da certificação do processo AQUA (Alta Qualidade Ambiental) no Brasil, a Inovatech Engenharia buscou referencial técnico na Fundação Vanzolini, que se inspirou no sistema francês HQE (Haute Qualité Environnementale) e o adaptou à realidade brasileira.

A certificação propriamente

dita é concedida pela
Fundação Vanzolini, mas,
apesar de não certificar, a
Inovatech é a responsável pela
orientação dos clientes que
buscam certificar construções
sustentáveis. "Nosso papel é
auxiliar na implantação dos
conceitos, desde a escolha do
terreno até a entrega final da
obra", explica Luiz Henrique
Ferreira, diretor da empresa.

Ferreira explica que o mercado de construção

sustentável está crescendo rapidamente e países como Brasil, Estados Unidos, França, Alemanha e Inglaterra foram pioneiros na criação de seus referenciais de certificação com reconhecimento internacional. No Brasil, além da certificação AQUA, há o selo LEED e o Selo Azul da Caixa Econômica Federal – todos com critérios que visam à sustentabilidade, mas cada um com uma abordagem diferente.